

FALAM OS CENTRINHOS

FALA O CEC

Afinal sai o primeiro número do jornal "O POLITÉCNICO". Não sei se devo chamar de primeiro ou de renascimento do velho jornal da POLI. Mas tudo bem, um jornal da POLI é uma necessidade que vem suprir a falta dos jornais dos centrinhos, que é trazer discussões mais profundas aos politécnicos e dar notícia do que se faz, agita, pensa e opina dentro dos prédios isolados da POLI.

Aqui na CIVIL estamos em início de gestão depois de um período eleitoral tumultuado. Agora, porém, resta todo um trabalho a ser feito em cima das propostas da atual diretoria. Em síntese é o seguinte: não fazer as coisas pelas pessoas, mas fazer tudo para que elas possam brilhar por si próprias o que têm direito. Para isso achamos que o principal é fazer com que o espaço físico da CIVIL seja algo agradável de se viver, que esse espaço seja alimentado de informações do que se passa com as pessoas, com a escola, ensino e a sociedade, para que nós possamos incentivar a discussão, a formação de um juízo sobre as coisas que nos afetam para construir propostas e omitir opiniões que sejam conscientes e consequentes.

Nesta linha é que vamos trabalhar, no Departamento de Ensino, tentando romper com o autoritarismo dos critérios de horários e avaliação, norteando nossa ação conjunta com os estudantes da POLI e do Brasil. Agilizando o Escritório Piloto, que trabalha junto à popula-

ção carente tentando solucionar e trazendo para dentro da Universidade os graves problemas sociais de nossa área profissional, a habitação popular e o saneamento básico. Trabalhar com os órgãos de nossa categoria, Sindicato e Instituto de Engenharia no sentido de ativar nas entidades estudantis os primeiros passos na participação das entidades profissionais. Desmitificar a cultura, a arte e o esporte, tanto quanto a atividade profissional, fazendo discussões sobre música, arte, cultura, ao invés de só jogar sobre a cabeça dos alunos shows e mostras. Fazer do esporte uma atividade diária ao invés de organizar grandes campeonatos super-burocratizados sobre eles. Cremos que isso não é um trabalho só nosso, por isso é que temos a intenção de trabalhar junto com os outros centrinhos e o Grêmio para discutir-se mais, para que as propostas e atividades não nasçam mortas. Se for prá nascer é prá continuar.

Então, olhe lá, não vamos fazer deste jornal algo saído das catacumbas dos arquivos do Grêmio, com seu mofo, ranço linguístico e outros defeitos. Nós encaramos "O POLITÉCNICO" como o número um, ao início de algo concreto necessário, mas parte da realidade dos anos 80. Sério crítico e descontraído.

Toda a força pro jovem Politécnico. A CIVIL tá nessa.

GESTÃO VOLTA AO FUTURO?

FALA O CPM

O Politécnico saiu! Nossa alegria é a alegria de todos os politécnicos. Um jornal da Poli significa um gigantesco passo no sentido de unificar os mais de 3.000 alunos desta Escola, até aqui isolados nos seus respectivos prédios.

O CPM do outro lado do Rubicão saúda e dá seu recado: ALEA JACTA EST!

Nascido depois da união dos cursos de Mecânica e Produção do Centro da Produção e Mecânica substituiu as defuntas Associações de Engenharia Mecânica e Centro de Engenharia de Produção. Ano passado batalhamos uma sala para o CPM e ganhamos uma em frente ao bar na Mecânica. Pintada, remodelada, mobiliada e sonorizada a sala. faltava o essencial: fazer os alunos participarem mais do cotidiano da Escola, colocarem o individualismo e a omissão de lado, porém mãos a obra.

"Obra" é o que não falta por aqui. Temos classes que batem verdadeiros records de lotação: aulas com 180, 200 alunos tentando enxergar a lousa e ouvir o professor. Temos as famigeradas listas de presença. Faltam livros, apostilas, catálogos na biblioteca e democracia no Departamento.

Ano passado durante a greve da USP foram criadas aqui na Mecânica uma série de comissões, que, depois por decisão do Conselho do Departamento, passaram a contar com professores. Essas Comissões (laboratórios, graduação, limpeza e conservação do prédio, biblioteca e informática, agora outras criadas recentemente) são positivas no sentido de permitirem maior diálogo com os professores.

A luta contra as listas de presença, por exemplo, está até o momento, sendo levada através da Comissão de graduação, a qual pro-

pusemos a adoção dos "cadernos" a exemplo da Matemática.

Até o momento, no entanto, nenhuma solução surgiu, não só para esse problema, mas para outros bem mais graves. Apesar de representarmos um passo adiante falta ainda a essas comissões poder de decisão, reservado ao Conselho, e um pouco mais de ousadia para atacar sem medo os problemas que sentimos.

Estamos desde já convidando todos os politécnicos para nossa sensacional festa de São João no fim do semestre. O CPM tem se preocupado bastante em incrementar a vivência na Mec-Prod e a fama de suas festas tem se espalhado por toda USP. Que o diga quem veio curtir a Frutada no começo do ano. Também na parte cultural e esportiva estamos com toda força. Depois do torneio interno de Futebol virá no 2º semestre a primeira PRODUMECPÍADA prometendo acirradas disputas. Juntamente com o Cineclube da Poli temos passado um filme por semana, toda terça-feira; esta semana teremos um recital de violão e na passada houve um concorrido debate (quase 200 alunos) com professores, alunos e ex-alunos sobre o curso (picharam prá burro) de Mecânica e de Produção, o Mercado de Trabalho, a profissão.

Agora não sei bem se a impressão que ficou de toda a apologia que fizemos de nós mesmos e que somos uma Escola mobilizada, com uma efervescência cultural e política incrível, etc, e tal. Não é bem isso. Muito já se fez mas muito resta por fazer. E nessa unidade é fundamental para dar sequência a tudo isso. Acompanhe nas páginas deste pasquim simpático, no próximo número, mais um sensacional capítulo da novela: Fala CPM!

FALA O CEE

COMO ANDA O CENTRO DE ENGENHARIA ELÉTRICA (CEE)

Estamos em processo eleitoral e o Centrinho está meio parado. A atual diretoria (Transformação) desde o início do ano não existe enquanto tal e todo o trabalho está sendo realizado por apenas 2 diretores que fazem o possível.

Mas essa fase vai acabar! !

A nova diretoria que vai surgir desse processo promete! Muito tem que ser feito, mas o pessoal parece disposto a colocar a mão na massa.

Temos que organizar a Festa Junina e o 3º - TE parece ter alguns contatos (de 1º grau com a Veterinária), muito promissor.

Temos que organizar a Olimpíada na Elétrica, arrumar a sala de jogos, e quem sabe um campeonato de palitinho para distrair no inter-

valo das provas, seja uma boa.

Além disso existe a idéia de uma máquina xerox no CEE, e as idéias não param por aí. Em julho tem o Seminário Nacional de Engenharia em Goiás e a Elétrica tem que estar em peso nessa caravana (existe um boato que seremos muito bem recebidos! !)

A Elétrica continua sendo a "mesma" e muito tem que ser feito, principalmente com as promessas do "nosso" excelentíssimo ministro da Educação - Gal. Ludwig. Exigir uma sala de estudos, apostilas e livros na biblioteca, aulas bem dadas, etc... é o que devemos fazer para evitar que nosso ensino se esvaneça.

É isso aí pessoal, trabalho é o que não falta.

Agora é por a mão na massa.

FALA A AEQ

AEQ - UM INSTRUMENTO DOS ESTUDANTES DE ENGENHARIA QUÍMICA

Após um longo período de debilidades, mantendo, no entanto, a sua força quanto entidade representativa, provado que foi em várias manifestações do ano passado, apresentando contudo uma fragilidade e uma desorganização nos diversos canais de participação, usadas principalmente pelo número reduzido de pessoas comprometidas com o dia a dia da entidade, inicia-se já nas férias deste ano, uma movimentação, espontânea de algumas pessoas no sentido da reestruturação física, a princípio, e agora avançando pelo lado organizacional da AEQ.

Sob o esboço de uma proposta de trabalho e contando com a disposição de algumas dezenas de pessoas, alguns departamentos começam a criar formas e realizar atividades, é o caso do Esportivo, estimulando a participação dos estudantes dentro das várias modalidades esportivas tendo como objetivo muito mais a integração dos alunos da escola do que a seleção dos "melhores" para obtenção de resultados, organizou um time de Futebol de Campo que recentemente participou do torneio inter-unidades tendo vencido a Geologia e perdido em seguida para a História.

No campo da Vivência e Cultura, houve uma feijoadá no sábado dia 23 com a presença de 70 pessoas apresentando também como saldo uma organização mais do que satisfatória que possibilitou que se alcance mais um passo rumo aquilo que tem sido a técnica e a meta de todos nós: transformação da AEQ numa entidade do

conjunto de estudantes do Departamento de Engenharia Química, não formalmente mas efetivamente.

Outras atividades estão sendo programadas para conseguirmos o nosso objetivo, tanto pelas comissões acima, mas também pelas de imprensa, mural e ensino.

Algumas já confirmadas, ou pelo menos iniciados os primeiros contatos.

Torneio esportivo entre escolas de Engenharia Química (em fins de junho e começo de julho) contendo inclusive Futebol de Salão Feminino).

Campeonato de Píapas e Papagaios (aberto a todos).

Festa Junina em conjunto com a Farmácia dia 26/06.

Organização e divulgação do VII SNEE - dentro da escola.

Estamos ainda comprometidos com a organização do III Encontro Nacional dos Estudantes de Engenharia Química que será realizado em São Paulo no próximo ano e diante do qual temos uma grande responsabilidade já que a sua efetivação depende de nós.

Queremos crer que retomaremos a tradição de lutas e glórias da nossa entidade com o comprometimento de cada um dos estudantes de Engenharia Química para esse fim e desse modo nos fortaleceremos para enfrentar a ameaça cada vez mais viva e presente da deterioração do nosso ensino e do ensino pago.

FALA O 1º ANO

Atualmente, ingressam na Escola Politécnica, seiscentos alunos todos os anos, um considerável conglomerado de pessoas que todos os dias fazem com que o velho e sujo prédio do Biênio se torne um pequeno formigueiro humano.

Mais ainda se considerarmos os "florestas" que a cada ano, se juntam aos calouros e lotam as salas de aula de cálculo, vetores e outras matérias.

Os florestas conhecem o sistema de "funcionamento" da escola, ou se não o conhecem, e existem casos, pelo menos estão mais habituados ao seu ritmo. Mas os calouros, pelo menos nos seis primeiros meses, até as férias de julho, enfrentarão um mundo novo, bastante diferente daquele ao qual estavam acostumados no colegial e até nos cursinhos. Aqui, o sistema é bastante diferente, e fica mais ainda, se considerarmos que os calouros são a princípio desunidos e desconfiados.

Eles ainda não se agruparam até esta data, nem mesmo em torno de duas turmas de aula em comum, e esta desunião é patente se verificarmos que até então eles não conseguem nem "enforçar" uma aula todos juntos para assistir ao jogo do Brasil.

Eles são ainda desconfiados, dos alunos que já estão na escola a mais tempo, talvez com medo de alguma informação incorreta, eles não acreditam nem quando lhes dizem que as perfuradoras da sala nove sempre foram assim.

Os alunos saem da escola do 2º grau cheios de esperança, de uma nova vida, de moleza, de um mundo novo, diferente. Diferente ele é, e muito, mas a primeira impressão é de equívoco, de desilusão, as pessoas sonham e cada um tem um sonho diferente, mas na maioria dos casos, a realidade que aqui vão enfrentar, pouco ou quase nada tem em comum com estes sonhos; mas ainda, salvo raras exceções, estas nuvens negras se dissipam mais cedo ou mais tarde ou talvez este impacto fosse minimizado se entre os alunos houvesse uma união

logo de início, o que parece quase impossível, visto a pouca vontade deles e outros motivos já citados. É com este intuito que são realizados os torneios da Atlético, que procuram juntar calouros e veteranos no esporte e também fora dele, há ainda o "Miss Bicho" e até o trote, pois como sabemos nestas horas as pessoas se esquecem de preconceitos e outras coisas e se unem em torno do ideal comum.

Poucas pessoas devem ter notado, pois pode ser que ainda não houve tempo para isso, mas o fato é que os primeiros grupos se formam sempre em torno de um gosto comum, assim é como distinguirmos muitos colegas como os "esportistas" que são aqueles que estão sempre na Atlético, ou como os "políticos", que estão sempre em atividade, reivindicando alguma coisa e assim por diante.

Estes gruposamentos são as células da união dos "bichos" e são também muito importantes pois é o primeiro passo para a união total.

Alguns estranharão tamanha importância dada para a união dos alunos, mas os que já passaram por isso, sabem que é uma das coisas mais importantes para o primeiro ano, e para todos os outros.

O primeiro ano tem também muitos outros "fantasmas", e eles são apenas visões, aliás são bastante concretas, e são ainda maiores se se considerarmos a falta de informação do aluno.

É, os fantasmas existem, eles são as listas de presença, as substituições, as portarias, e o maior "fantasma" do primeiro ano e também o culminante a opção.

São nestes pontos que gostaríamos em futuras edições de esclarecermos os alunos, para que possamos juntos liquidar os fantasmas. Assim posteriormente estaremos dando informações detalhadas sobre as listas, as provas de cálculo e outros, que esperamos ajudem os alunos a ter uma real idéia do primeiro ano da E. P.U.S.P.

Vinícius

FALA O CEN

FALA O CRM

O QUE ACONTECE NAS TERRAS DA MINAS E METAL

Bem, podemos começar dizendo que este, infelizmente, não é um artigo que tenha sido tirado e discutido na Comissão de Imprensa do CMR, e sim mais um artigo da diretoria do CMR, que procura dar um apanhado geral da situação das duas escolas e do próprio Centro.

Com relação à situação do ensino nas escolas temos na Minas um grave problema, para todos os que estão fazendo o curso: são os laboratórios, para todas as séries, que, embora bem equipados, podendo oferecer boas condições de ensino, não são de maneira alguma utilizados, chegando algumas vezes ao professor ter que gastar toda uma aula desenhando uma máquina que há no laboratório, e que não foi vista!

Esses laboratórios não são utilizados porque não há mão-de-obra técnica auxiliar, e dinheiro para contratar esses técnicos. Depois que morreu o último não foi contratado mais ninguém.

Também no 2º Minas ocorre um problema com relação do Departamento de Mecânica. Aliás, o problema não é só com o 2º Minas, é com mais escolas da Poli. É que ele é devido às "aulas" de Transcal, maravilhosamente ministradas para classes de 100 alunos de cursos variados. Aliás já é tradicional que isso ocorra. Em 79 já com Elemaq, em 80 o 3º Metal tomou pau coletivo em uma matéria da Mcc, devido à irresponsabilidade de dois professores (Maizze e Lisboa) que não cumpriram suas mínimas obrigações.

Na Metal também há problemas, cujo pano de fundo é o mesmo: a falta de verbas.

Os laboratórios sofrem uma degradação dos equipamentos, e não há verba suficiente para que a conservação seja a melhor possível. Em alguns casos há falta de equipamento para que uma turma de alunos consiga trabalhar ao mesmo tempo; em outros as aulas de laboratório são ministradas no IPT.

A biblioteca também enfrenta problemas: a maior parte dos livros é importada, e portanto cara, assim como periódicos, e sem verba não há muitas chances de ampliá-la e readequá-la às necessidades atuais. Há casos em que há apenas 1 ou 2 volumes de alguns livros básicos.

Afora isso há, ainda, os problemas de pré-requisitos (que são muitos, e às vezes deixam colegas nossos 2 anos a mais na escola), e das listas de presença, nas duas escolas.

Neste interm a situação do CMR é de retomada das atividades, tanto na área técnico-científica, quanto nas questões de ensino.

Na área técnico-científica nossa atuação pautou-se por reiniciar o trabalho e adquirir um pouco de experiência, sendo então realizadas uma série de palestras com os professores do próprio curso, nas áreas de interesse dos dois campos.

Esse trabalho ainda é bastante tímido, e

nossa intenção é tomar base para no 2º semestre aprofundar o tratamento das questões que tocam a comunidade minero-metalúrgica, principalmente nos aspectos mais presentes e importantes de nossa realidade nacional, como o são os projetos de exploração mineral, processamento de minérios e sua desnacionalização (como por exemplo Carajás).

Consideramos que o aspecto mais importante neste caso é o tratamento político que está sendo dispensado pelas autoridades a estas questões, e que é de fundamental importância trabalharmos em cima delas. Voltaremos a falar mais especificamente do assunto, e então cremos que poderemos esclarecer melhor alguns pontos.

No trabalho com as questões de ensino o pique agora é de retomada de um trabalho que ficou prejudicado neste primeiro semestre, corrigindo algumas falhas nossas e algumas omissões.

FALAM OS DEPARTAMENTOS

CULTURAL

(Mas como? Vai começar a escrever entre parênteses?)

Nunca vi nada que começasse escrito entre parênteses!

Pois é, mas é só para avisar que a minha intenção no texto que se segue, talvez não fique claro, é a de apresentar o Departamento Cultural do Grêmio Politécnico... Poderia ser assim:)

Apresento pra vocês já que agora é nossa vez o pessoal do cultural que pode crer, é legal!

(Mas não! Não gosto desta métrica e nem da rima (aliás, não tenho desenvoltura para ser repentinista). Que tal um apelo um pouco mais vanguardista, talvez meio concretista:).

CULTURAL
CURTA REAL
CURTA LEGAL

(Terrível, nada a ver! Uma bosta (o pior de ser diretor cultural não são os encargos burocráticos ou políticos, mas sim estes malditos "escreva um artigo sobre o cultural"!)) Vamos ver, poderia ser um tipo de um histórico:)

O Cultural do Grêmio Politécnico nasceu em 1930, quando, por iniciativa de alguns alunos, foi realizado um grande show com o Pinguim. Nesta época também, "O POLITÉCNICO", tradicional jornal da escola, deu largo destaque a realização de uma mostra de fotografias promovida pelo recém criado DEFOBI - Departamento de Fotografia do Biênio, e que contou com a participação de.....

(Mas não, soa muito saudosista e é chato. Mas, mesmo assim, ainda não desisti (vocês já desistiram? ! ?) Que tal:)

Departamento Cultural: 78 anos de praça - curtição no movimento estudantil.

(Ficou um pouco odara, né? Ou então estilo telegrama:)

cultural: criação, ação, recreação.
agite! participe!

(O que não diz nada, ou pelo menos muito pouco - menos - muito - pouco? ! ? ! ? De sistô! Não dá mesmo. (Baddini, me desculpe. Eu tentei mas não saiu. Quem sabe no próximo número?) E lembrem-se, desisti de escrever mas não de agitar as atividades culturais. E aí tem algumas coisas acontecendo. Se vocês estiverem interessados procurem-nos no Grêmio, falô!)

(Tchau, Cito)

PS: 1

(A Revista Cultural manda lembranças e diz que talvez ainda apareça por aqui neste semestre. Além disso o Cineclub Polí, o Defobi e o GTP - Grupo de Teatro da Poli, podem para dizer que estão a todo vapor.)

PS: 2

(O Concurso da UNE - poesias, contos, desenhos etc. - está aí. Informem-se no Grêmio.)

DEBATES

A necessidade da discussão sistemática das questões que envolvem a engenharia, o engenheiro e a sociedade, se mostra cada vez mais presente para todos nós. São os problemas do desemprego em nossa categoria, da própria qualidade do trabalho dos engenheiros; são os grandes problemas da engenharia nacional, a crise econômica e suas saídas; enfim, pontos que mais e mais se incorporam ao nosso cotidiano.

A proposta da Diretoria do Grêmio é romper com a dispersão e a falta de aprofundamento com que vem sendo travadas estas discussões entre os estudantes. A viabilização dessa idéia se dará basicamente, através da realização de debates regulares na escola. Debates que não caiam no lugar-comum de tantos outros no passado, mas, que, apresentando várias posições divergentes, aprofundem nossa compreensão sobre o mundo que nos cerca.

Acreditamos que desta forma estaremos contribuindo para que o engenheiro que sai da nossa escola seja ao menos um elemento crítico e consciente da dura realidade que irá encontrar.



ESPORTES

A Atlético está fazendo um esforço muito grande para INTEGRAR todos os alunos da Poli. Essa minoria inteligente que pratica esportes em nossa escola se DIFERENCIA muito do resto de nossa comunidade, que é DERIVADA de colégios de alto nível, e portanto formada por alunos muito competentes.

Por isso, o DEPARTAMENTO DE HÍDRULICA da Atlético está oferecendo a seus membros um novo e fascinante curso de MECÂNICA DOS FLUIDOS às terças, quintas e sextas a partir das 18:00 horas na piscina do CEPEUSP. O curso compreende muitas aulas práticas, e já conta com um grande número de adesões, coincidindo todos de jogadores de polo-aquático.

Mas viu pessoal, agora nós vamos falar sério. A participação nos esportes está sendo muito pequena e além de tudo muita gente ainda quer formar equipes independentes da Atlético, isto é, da escola, o que enfraquece ainda mais a força das equipes da POLI. Se pudermos contar com mais um de vocês, não hesite, venha treinar conosco.

Depois do grande sucesso que foi a viagem à Campinas (V UNICAMP-USP) mas que por falta de quorum, conseguimos apenas o 3º lugar, estamos programando para os feriados de Corpus Christi, uma viagem para Piracicaba, onde competiremos contra ESALQ, MED e SÃO FRANCISCO.

Agora vamos dar uma bronca! Onde estão os 3.000 alunos da POLI. Domingo passado 24/05/81 terminou o Campeonato Universitário Paulista de Atletismo e constatamos o seguinte: tempo poucos, mas bons atletas. Com menos de 10 atletas conseguimos o 6º lugar. Gente, se tivéssemos apenas participado de to-

das as provas, mesmo sem querer ganhar essas provas, subiríamos facilmente para o 3º ou 4º lugar. Os treinos de atletismo são às terças e quintas às 18:00 horas. Compareçam, pois nós precisamos de atletas, não somente de bons atletas. E para os que lá estiveram, muito obrigado e parabéns!

Outras modalidades encontram-se na mesma situação. Muita gente não sabe, mas a Atlético afixou nos Centros da Elétrica, Civil, Mecânica e Produção, e Moraes Rêgo, quadros de avisos com todas as informações de nossos treinos e competições. Isso tudo, porque a Atlético quer se aproximar dos alunos e dos centrinhos. Dê uma força, leia os nossos avisos e venha falar com a gente.

Chegaram as novas malas de nylon da Atlético com seu novo logotipo. Venha conhecê-la. Obrigado aqueles que já efetuaram suas encomendas de agasalhos. Quem ainda não fez, pode vir.

A sala da Atlético foi totalmente redecorada. Venha conhecê-la e conversar com a gente, pois temos muito a ir tratando no tocante a PAULI-POLI e MAPOFEL. Todos os esforços estão sendo feitos e esperamos contar com a presença de todos.

Nosso maior esforço está sendo para conseguir preparar as equipes femininas. Meninas, vocês são tão poucas, porque não dão uma mãozinha pra gente? Venha treinar e você vai ver que vale a pena.

O BICHUSP já está entrando em suas fases finais e a POLI vai brilhando em todos os esportes. Agora já chegou o momento da torcida ir lá empurrar os times. Uma forcinha apenas e seremos campeões gerais. A técnica se encarrega de levar as bandeirinhas e o batoque ao CEPEUSP. Vamos lá, POLI!

Bombas, Recessão e Casuísmos: uma Doença Tropical?

No país do "que país é este?", poucas já são as coisas que possam surpreender um pacato cidadão. Há muito que são fatos corriqueiros ditadores semi-vitais que iniciavam discursos com "neste curto período de 15 anos", como Vargas em 45, ou deputados a acusarem secretários da saúde como "agentes infiltradores do PT e da Convergência Socialista" (dep. Armando Pinheiro referindo-se à gestão de Adib Jatene à frente da Secretaria, criados do PDS). Porém, às vezes, as coisas ultrapassam limites do tolerável).

Realmente, seria cômica se não fosse trágica, essa parafrenia tropical. A conjunção mais recente de fatos políticos e econômicos no país, apesar de seu aspecto quase lúdico, de ópera-bufa mal cantada; tem por trás de si uma carrancuda e nefasta política de enfrentamento da atual crise por que passa o Brasil.

De uma parte, o aberrante atentado terrorista frustrado do Rio Centro, resultando no mais comentado acidente de trabalho dos últimos anos, produto de uma "explosão de motor" (versão do capitão bombardeiro) ou da "colocação de um petardo por terroristas co-

munistas" (segundo versão do diálogo ocorrido entre o sargento morto e o capitão incomunicável, dado pelo Secretário da Segurança do Rio). O "inquérito", que busca "averiguar responsabilidades", passo a passo tornando-se letra morta, imerso em suas contradições internas insolúveis, tentando dar tempo ao tempo na vã esperança do esquecimento da sociedade quanto à brutal tentativa de morte de milhares de jovens que se encontravam no show do Rio Centro.

De outro lado, a recessão galopante em que o gordo e sorridente paxá da economia mergulha a nação, jogando nas escuras sarjetas do desemprego milhares e milhares de pais de família, favorecendo a deslavada escravização do país pelo capital multinacional, rifando reservas minerais estratégicas, garantindo os gordos lucros das grandes empresas, a falência das pequenas e médias e a acentuação do arrocho salarial que tem sido a tônica do "modelo" adotado desde 64.

E como desgraça pouca é bobagem, a alquímica gang do Planalto, engendra e condena o mais novo e acabado produto concebido

por seus aprendizes de feiticeiro: o novo "pacotão" eleitoral, casuísmo puro de objetivo único e claro, qual seja a tentativa de inviabilização da inevitável vitória oposicionista nos pleitos de 1982, tentando garantir pelo "legal" aquilo que o regime não tem de legítimo, o aval e a representação popular.

Como já afirmávamos anteriormente, apesar da aparência de ridículo, tais fatos são o resultado material de uma política. É a política de manutenção de um regime extremamente autoritário, restrito e excludente; é a política de enfrentamento da crise econômica pelo aprofundamento das bases essenciais do modelo de concentração e pauperização: a monopolização acirrada, o arrocho salarial, a ampliação da dependência externa.

Enfrentar uma política, uma linha clara e planejada, só se consegue com outra política, com um objetivo unitário e delimitado. É esse o desafio principal que se coloca à frente das oposições brasileiras.

É da capacidade de superar sua atual apatia e descoesão frente aos fatos mais marcantes do atual momento que as forças de

mocráticas aferirão sua forças; é de sua capacidade de responder conjuntamente à impunidade provocadora do fascismo caboclo, é de sua iniciativa de contra-posição à política recessionista e às nuvens casuísticas que se avolumam no horizonte.

Hoje, e cada vez mais claramente a sociedade brasileira cinde-se em dois campos antagônicos. De um lado, a continuidade de um regime ditatorial, que por sua via aberta e deslavada como querem os lança-bombas ou da via de "laboratório" golberyana. De outra parte, um vasto espectro democrático, a clamar pela apuração completa dos atentados e punição dos responsáveis, pela adoção de um programa econômico de emergência não recessionista, pela realização de eleições livres e sem casuísmos em 82, pela liberdade e pela Constituinte.

E somente a unidade e luta das oposições em torno dessas questões essenciais que garantirão um futuro de liberdade, democracia, progresso e boas condições de vida em nosso país.

Artur, (Minas)

HISTÓRIA & DEMOCRACIA (OU: A LUTA DO DEPTO. DE HISTÓRIA E A DEMOCRATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE)

COMO É QUE É?

A escolha de diretores de Institutos ou Escolas e chefes de Departamentos aqui na USP é um processo altamente democrático (rir).

É feito a portas fechadas, em conselhos que se dizem representantes da Comunidade Universitária mas onde os alunos só possuem 1/10 dos votos (quando por lei deveriam possuir 115) e funcionários nem votam.

Não se discutem os problemas da Universidade, não se debatem programas de ação nem as reivindicações apresentadas pelos diversos setores: votam-se nomes tão somente. Se no caso dos chefes de Departamento vota-se diretamente a pessoa, no caso dos diretores de Institutos ou de Escolas, nem isso acontece: vota-se uma lista sextupla e o reitor escolhe um dentre os seis (ficar indignado e dizer: *Pô! Mas desse jeito, quem fura a panelinha!?*)

VAI SER SEMPRE ASSIM?

Se é certo que a democratização da Universidade só vai acontecer quando toda a sociedade for democrática, é certo também que não podemos ficar de braços cruzados esperando que um milagre democratize a sociedade e nos dê presente uma Universidade democrática (*suspirar e dizer: Ah! que bom seria se fosse assim!*).

O processo é como puxar água com um rodinho: você tem que puxar em cada pedaço do chão e no chão todo, numa sequência coordenada (*bater palmas e dizer: brilhante "coordenação"!*). Ou seja, lutar para democratizar todos os setores da sociedade, desde a casa da gente até o governo, sendo que cada pequena luta ganha ou perdida se combina no processo geral (*ficar contente com o fato de que você ter conseguido autorização pra assistir televisão até mais tarde contribui para a democratização do Brasil...*).

ALGUNS EXEMPLOS DE COMO NÃO VAI...

Foi a partir do ano passado que essas pequenas batalhas começaram a pipocar e a tomar corpo. Houve o caso da PUC de São Paulo, onde a própria direção da escola tomou a iniciativa de se fazer eleições diretas para compor a lista sextupla para reitor, com D. Paulo Evaristo Arns se comprometendo a escolher o mais votado dessa lista (*dizer: puxa vida!*).

Houve o caso da ECA-USP, onde alunos e professores discutiram entre si, elaboraram um plano de ação e de reivindicações e com base nisso votaram, em urna, uma lista sextupla para diretor da escola. Quando a Congregação não quis assumir esta lista como sua, houve uma greve, e o indicado pelo Reitor para ser o Diretor acabou sendo um dos nomes que constavam da lista. Tá certo que depois houve manobras: o Diretor se demitiu, e acabou assumindo um pro-

fessor não exatamente democrático, mas que houve avanços, houve (*balançar afirmativamente a cabeça e dizer: é, houve sim!*).

MANCHETE DE JORNAIS:

O CASO HISTÓRIA

E agora (*tcham, tcham, tcham, tcham!*), está havendo o caso do Departamento de História. Caso que é velho, começou em 1978, quando os alunos fizeram 6 meses de greve exigindo a saída de alguns professores, a reestruturação do currículo e melhoria na biblioteca.

Pois bem, utilizando-se da estrutura autoritária e burocrática da escola a professora Maria Beatriz N. da Silva se "elegeu" chefe do Departamento. Com 7 votos em branco e 2 a favor, tá certo, mas se elegeu (*ficar novamente indignado e perguntar: mas como foi possível?*). Detalhe: essa professora era uma das pessoas

que os alunos queriam derrubar em 1978.

Se antes disso, alunos e professores já se mobilizaram no sentido de eleições livres e diretas, depois, o caso engrossou. Os alunos protestaram, fizeram um enterro simbólico da professora, paralizaram por um dia as atividades de toda a escola, inclusive a sala da chefia - que foi lacrada simbolicamente - e a secretaria. Chegaram até a considerar a possibilidade de tomar o Departamento, só voltando atrás devido a necessidade de se discutir melhor o assunto.

O Reitor, nosso amado professor Waldir Muniz Oliva (*perguntar: foi ele que fez o famigerado livrinho de verbetes e geometria?*) respondeu: *Arrgh!* entrou no meio, dando uma de conciliador. Mas acabou lavando as mãos, dando carta branca à Maria Beatriz e dizendo ser este um "problema interno" da História. A luta prosseguiu, com os estudantes de lá pedindo solidariedade e apoio aos de cá (*bater no peito e dizer: da minha parte...*).

E NA POLI, NADA?

A luta por democracia na Universidade e por melhores condições de ensino estão intrinsicamente ligadas (*falar: puxa, como você escreve bonito... intrinsicamente...*). Podemos até conseguir o fim das listas, algumas melhoras de currículo, "amansar" alguns professores autoritários, mas sem avançar até a raiz da questão - checar não só quanto verba vem, mas também quem manda aqui dentro - não vamos chegar muito longe.

Tá certo, o caminho é longo, mas para completá-lo é preciso dar o primeiro passo (*dizer: nossa, que político...*). Assim, devemos iniciar a discussão sobre estes problemas visando as eleições dos chefes de Departamento da Poli e mesmo a do Reitor que vem aí (*dizer: isso mesmo!! e começar a discutir imediatamente com o cara do lado*).

Como são as Eleições para os Órgãos Colegiados?

Segundo o regimento da USP, que segue os ditames da reforma universitária de 1968, a eleição dos dirigentes da universidade se dá através dos órgãos colegiados - Conselhos departamentais, Congregações e Conselho Universitário. Estes organismos, porém, longe de representar democraticamente os estudantes, professores e funcionários, simplesmente servem de correia de transmissão da política do governo nas universidades: suas decisões não podem nunca contrariar as orientações ditadas pelo ministério de educação; a participação no seu interior é estritamente controlada (no caso dos estudantes, por exemplo, só podem concorrer aqueles que tiveram aproveitamento escolar exemplar e que não tenham sofrido nenhuma sanção disciplinar); a representação dos professores se dá de acordo com os diferentes graus de carreira e não através da categoria como um todo, etc...

Além disso, o regimento determina que só podem se candidatar aos cargos diretivos os professores titulares - que é o grau mais elevado da carreira - que representam a ínfima minoria do corpo docente. E, para finalizar, exige que

os escolhidos nos departamentos e faculdades passem pelo crivo do reitor antes de serem efetivados, reitor este que é escolhido diretamente pelo governador, por ser a USP universidade estadual.

Toda esta teia burocrática, evidentemente, tem como único objetivo impedir que os dirigentes escolhidos representem os interesses de estudantes, professores e funcionários, os quais, por sua vez, são os maiores interessados na existência da universidade enquanto um centro capaz de desenvolver a ciência, a pesquisa e garantir condições de ensino necessárias para uma verdadeira qualificação profissional. Controlando o processo de escolha desses dirigentes, o governo procura adequar completamente a universidade a seus interesses, que vão no sentido inverso daqueles defendidos por professores, estudantes e funcionários.

Sendo assim, é mais do que justa a luta que vem sendo desenvolvida pelos estudantes que, contra as imposições do regimento, exigem

eleições diretas e democráticas para a chefia do departamento, onde a vontade soberana dos estudantes, professores e funcionários possa se manifestar. Neste combate, que já levou à realização de diversas assembleias e concentrações, os estudantes deixam claro que não é possível garantir que seus interesses sejam respeitados com a permanência do atual critério de eleição, no que vem contando com o apoio do DCE da USP e de setores significativos dos professores.

Desde já está colocada a necessidade de aprofundar este apoio, concretizando ações de solidariedade do restante da universidade que obriquem ao atendimento da reivindicação. Isto é tão mais importante na medida que se anuncia para o próximo semestre a desflagração de processos eleitorais em diversas faculdades, culminando com a eleição do próprio reitor no final do ano. Uma vitória na luta dos alunos da História certamente abrirá a via para que se consiga generalizar no interior da universidade um processo verdadeiramente democrático em cada uma destas eleições.

Universidade em Crise

Duas Formas de Enfrentamento.

A histórica carência de verbas do ensino superior brasileiro encontra, nos dias atuais, um mecanismo impulsionador a acirrar sua continuidade e aprofundamento.

Imerso o país em uma crise econômica sem precedentes, expressa na inflação galopante, no crescimento preocupante do desemprego dos balanços de pagamento interno e externo, na majoração da dívida externa, na redução do poder de compra do mercado interno (fruto da drástica queda salarial em virtude de sua corrosão pelo aumento de custos), o governo tenta enfrentá-la através de uma política recessionista, de desaquecimento do conjunto das atividades produtivas.

Essa política já vem se afirmando na prática, por mais verbas que a tente camuflar as declarações recentes do Ministro Delfim Netto. Os dados econômicos publicados em "O Estado de São Paulo", em sua edição de 23/05 p.p. são

indicativas seguras de tal informação: queda de produção da ordem de 40% na indústria automobilística (pólo dinâmico da produção no país), queda de vendas no setor de supermercados beirando os 27% acompanhada de sensível alteração no perfil de consumo em direção a produtos de consumo de menor qualidade, redução de 10% na taxa de emprego do setor de engenharia, todos estes dados relativos ao 1º trimestre do ano.

Como consequência direta da linha recessionista, o governo aprofunda um dos pilares em que sempre foi erigida sua linha em relação aos serviços públicos em geral e a Educação em particular: a desobrigação estatal, a redução de verbas, o lançamento desses setores em mãos de monopólios empresariais (vide PREV-SAÚDE, o sistema nacional de transportes, as empresas de educação como OBJETIVO, FMU - FIAM, etc.).

É nesse quadro que se colocam uma sé-

rie de iniciativas que o Ministério da Educação e Cultura anuncia e busca implantar. São medidas como o recente projeto de transformação das Universidades Públicas em "Fundações", como o corte de verbas para os serviços de assistência (restaurantes, transporte, assistência médica e odontológica, creches, etc.) que consubstanciam a infeliz tentativa de radicalização do quadro, de implantação definitiva do ensino pago e de uma Universidade não democrática e elitista em nosso país.

Dois elementos contraditórios hoje se chocam claramente. De uma parte os intentos do MEC e do governo, aprofundando sua política de privatização, monopolização e elitização do ensino, jogando no sentido da quebra e fechamento de cursos e pequenas escolas e do estrangulamento econômico da Universidade agravando a crise estrutural e pedagógica do ensino superior.

De outro lado, a comunidade universitária

e o conjunto das forças democráticas, da sociedade civil, buscando sua ação unificada, em torno da detenção da política governamental, da defesa de um plano mínimo de reivindicações (tais como a redução dos aumentos nas escolas pagas, a garantia de subsídios e suplementação de verbas, o arquivamento do projeto de fundações, a autonomia da Universidade) e em torno da sua bandeira principal: uma Universidade Pública, Autônoma, Democrática e de Interesse Nacional.

É da resolução deste embate, portanto, de qual dos elementos angariará mais forças e apoio efetivo, que teremos o quadro em que se situará a Universidade Brasileira.

É, portanto, em última instância, da postura que nós, estudantes, assumimos frente as tarefas que nos colocam, que resultará a melhoria ou a falência do ensino superior.

E, nesses momentos graves os politécnicos nunca falharam!